



PERFIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO NO BRASIL (2017–2020)

THEORETICAL AND METHODOLOGICAL PROFILES OF GRADUATE PROGRAMMES IN THE STUDY OF RELIGION IN BRAZIL (2017–2020)

PERFILES TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE LOS PROGRAMAS DE POSGRADO EN CIENCIAS DE LA RELIGIÓN EN BRASIL (2017–2020)

Tatiane Almeida *

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.
Belo Horizonte, MG, Brasil.
E-mail: tatianealmeidaprofessoraer@gmail.com
ORCID: [0000-0002-1739-0688](https://orcid.org/0000-0002-1739-0688)

Andrey Rabelo *

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Curso de Pedagogia.
Belo Horizonte, MG, Brasil.
E-mail: andreyrabelo1994@gmail.com
ORCID: [0000-0002-0144-6501](https://orcid.org/0000-0002-0144-6501)

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar, de forma comparativa, o perfil teórico- metodológico das propostas pedagógicas dos Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião (ões), *stricto sensu*, no Brasil, se atendo à questão da compreensão sobre a disciplinaridade e interdisciplinaridade. Nossa tarefa consiste em entender em que medida a compreensão de disciplinaridade e de interdisciplinaridade estão presentes nas propostas pedagógicas nos Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil. Tal análise se deu a partir dos dados públicos disponibilizados na Plataforma Sucupira, a qual é alimentada pelos Programas de Pós-graduação da área. Os dados são encaminhados anualmente à CAPES, de forma que o período compreendido neste artigo abrangeu o quadriênio 2017-2020. Acreditamos que há muita relevância em identificar conceitualmente as diferenças e pontos de aproximação na metodologia da interdisciplinaridade em Ciências da Religião no Brasil, uma vez que as ideias de integração e de totalidade que perpassam esse método têm referenciais teóricos e históricos diferentes, bem como são determinantes para se construir e desenvolver uma disciplina autônoma.

Palavras-chave: Ciência da Religião; Ciência da Religião Aplicada; Interdisciplinaridade.

*Doutorado e mestrado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Licenciada em Pedagogia com aprofundamento em Ensino Religioso pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

*Licenciado em Pedagogia com aprofundamento em Ensino Religioso e Necessidades Educacionais Especiais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

ABSTRACT

The purpose of this article is to comparatively analyze the theoretical-methodological profile of the pedagogical proposals of the Graduate Programs in Religious Studies (or Science(s) of Religion), stricto sensu, in Brazil, focusing on the understanding of disciplinarity and interdisciplinarity. Our task consists of understanding to what extent the notions of disciplinarity and interdisciplinarity are present in the pedagogical proposals of the Graduate Programs in Religious Studies in Brazil. This analysis was based on public data made available on the Sucupira Platform, which is maintained by the Graduate Programs in the field. The data is submitted annually to CAPES, and the period covered in this article spans the quadrennium 2017–2020. We believe it is highly relevant to conceptually identify the differences and points of convergence in the methodology of interdisciplinarity in Religious Studies in Brazil, as the ideas of integration and totality that permeate this method have distinct theoretical and historical frameworks and are crucial for constructing and developing an autonomous discipline.

Keywords: Science of Religion; Science of Applied Religion; Interdisciplinarity.

RESUMEN

La propuesta de este artículo es analizar, de forma comparativa, el perfil teórico-metodológico de las propuestas pedagógicas de los Programas de Posgrado en Ciencia(s) de la(s) Religión(es), stricto sensu, en Brasil, centrándose en la comprensión de la disciplinariedad e interdisciplinariedad. Nuestra tarea consiste en entender hasta qué punto las nociones de disciplinariedad e interdisciplinariedad están presentes en las propuestas pedagógicas de los Programas de Posgrado en Ciencia(s) de la(s) Religión(es) en Brasil. Este análisis se realizó a partir de los datos públicos disponibles en la Plataforma Sucupira, que es alimentada por los Programas de Posgrado del área. Los datos son enviados anualmente a CAPES, y el período analizado en este artículo abarcó el cuatrienio 2017–2020. Creemos que es muy relevante identificar conceptualmente las diferencias y puntos de convergencia en la metodología de la interdisciplinariedad en Ciencias de la Religión en Brasil, ya que las ideas de integración y totalidad que atraviesan este método tienen marcos teóricos e históricos distintos, además de ser determinantes para construir y desarrollar una disciplina autónoma.

Palabras Clave: Ciencia de la Religión; Ciencia de la Religión Aplicada; Interdisciplinariedad.

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Religião no Brasil desenvolve estudos desde o ano de 1969, época em que surgiu o primeiro curso de graduação da área, inicialmente na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Segundo os dados do relatório da avaliação quadrienal da CAPES de 2017, a área Ciências da Religião e Teologia era constituída por 21 Programas *stricto sensu*, sendo eles caracterizados em 8 programas de Ciências da Religião, sendo 2 de Ciências¹ das Religiões, 2 de Ciência da Religião e 9 de Teologia.

¹ Esse dado, relativo a doze Programas de Ciência (s) da Religião (ões) sofreu alteração ao longo do quadriênio seguinte, uma vez que um Programa de Ciências da Religião foi extinto, ou seja, foram considerados onze Programas na avaliação vigente. O programa extinto foi o da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) que ofertava o curso na modalidade Mestrado cuja nomenclatura era Ciências da Religião.

Tabela 01 - Instituições de Ensino Superior que ofertam curso *stricto sensu* em Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil

IES	SIGLA	CURSO (S)	NOMENCLATURA
Universidade do Estado do Pará	UEPA	Mestrado	Ciências da Religião
Universidade Federal da Paraíba	UFPB/J.P.	Mestrado Doutorado	Ciências das Religiões
Universidade Católica de Pernambuco	UNICAP	Mestrado Doutorado	Ciências da Religião
Fundação Universidade Federal de Sergipe	FUFSE	Mestrado	Ciências da Religião
Faculdade Unida de Vitória	FUV	Mestrado Profissional	Ciências das Religiões
Universidade Federal de Juiz de Fora	UFJF	Mestrado Doutorado	Ciência da Religião
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	PUC Minas	Mestrado Doutorado	Ciências da Religião
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	PUC SP	Mestrado Doutorado	Ciência da Religião
Pontifícia Universidade Católica de Campinas	PUCCAMP	Mestrado	Ciências da Religião
Universidade Metodista de São Paulo	UMESP	Mestrado Doutorado	Ciências da Religião
Pontifícia Universidade Católica de Goiás	PUC GOIÁS	Mestrado Doutorado	Ciências da Religião

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Almeida (2022)

Embora os estudos de Teologia façam interface com os estudos de Ciências da Religião, é reconhecido que essas disciplinas são distintas, ainda que elas coabitem a mesma área de avaliação, denominada Ciências da Religião e Teologia² na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Após compilar as informações a respeito da identidade dos Programas, deu-se sequência na investigação sobre suas propostas pedagógicas, em especial a respeito da compreensão sobre a disciplinaridade e interdisciplinaridade. Reitera-se que, o debate acerca da relação entre disciplinaridade e interdisciplinaridade, no processo de consolidação e difusão da disciplina Ciência da Religião, no âmbito de seus Programas, mostra de forma propedêutica a compreensão da estrutura teórica-metodológica da disciplina.

Tal categoria³ foi selecionada devido ao recorte temático para o artigo e à fundamentalidade na análise e na avaliação pedagógica aqui realizada, que consistiu na identificação dos métodos da disciplinaridade e da interdisciplinaridade. Entretanto, neste

² A área surgiu com a Portaria CAPES 174/2016, publicada no DOU de 13 de outubro de 2016, redesignada pela Resolução nº 01, de 04 de abril de 2017, publicada no Boletim de Serviço/CAPES – Edição Especial nº 1 - abril 2017. Até outubro de 2016, coabitava a extinta área Filosofia/Teologia.

³ Os demais dados necessários à realização da análise no projeto de pesquisa foram colhidos na Plataforma Sucupira, sendo eles: i) o histórico do programa de pós-graduação; ii) a estrutura curricular; iii) o objetivo geral e objetivos específicos; iv) e o perfil dos egressos.

artigo, daremos foco à questão da disciplinaridade e interdisciplinaridade com base na análise do perfil teórico- metodológico das propostas pedagógicas dos Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião (ões).

Para o desenvolvimento da pesquisa, adotou-se enquanto método o estudo analítico-comparativo. Segundo Lakatos e Marconi (2010, p.107) “este método realiza comparações, com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências,” em outros termos, significa analisar, estudar, decompor, dissecar, dividir e interpretar (Lakatos; Marconi, 2010, p. 107).

A partir dessa dinâmica, considerou-se como elemento de análise as instituições que ofertam cursos *stricto sensu* na área de Ciências da Religião, reconhecidos pela CAPES e localizados no Brasil.

2 DISCIPLINARIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade é um fenômeno que compreende, em sua essência, a disciplinaridade. Observa-se, por exemplo, que o surgimento de um novo campo disciplinar não surge de forma espontânea, mas sim a partir de diversos elementos que somam-se e dão bases a essa nova área. Nesse aspecto, o autor Barros (2011) colabora para o entendimento desse fenômeno, pois ele desenvolveu uma linha de raciocínio que lhe permitiu explanar dez elementos constitutivos de um campo disciplinar. De acordo com as reflexões do autor, um campo disciplinar é organizado e sistematizado a partir de: campo de interesses (1), singularidade (2), campos intradisciplinares (3), padrão discursivo (4), metodologias (5), aporte teórico (6), oposições e diálogos interdisciplinares (7), interditos (8), rede humana (9) e olhar sobre si (10).

O autor ainda explica que uma disciplina pode vir a surgir do desdobramento de um campo disciplinar existente, ou mesmo que se desprenda desse campo, constituindo uma nova, adquirindo sua própria identidade (Barros, 2001). A partir do esquema ilustrado na figura que segue, Barros (2001) apresentou os elementos que constituem um campo disciplinar.

Figura 1. Constituição de um campo disciplinar

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de BARROS, 2011, p. 268.

O primeiro aspecto diz respeito ao campo de interesses. Segundo Barros (2011), pode ocorrer que o centro de interesses de uma disciplina esteja situado em uma confluência, ou em uma conexão de saberes, tal como pode ocorrer também que o conjunto de interesses de uma disciplina passe por transformações no decorrer de sua própria história, assim, podendo “[...] ocorrer ainda que dois campos de saber separados se agrupem para formar um só, se fortalecendo mutuamente a partir de uma unidade” (Barros, 2011, p. 258). Mediante o exposto, entende-se que o campo de interesses trata do objeto de estudo. Destarte, toda disciplina parte desse princípio. O objeto de pesquisa se refere ao eixo central no qual tramita o interesse de estudo do pesquisador/a.

A singularidade é o segundo aspecto. Esse aspecto diz respeito ao que diferencia uma disciplina das demais. Para Barros (2011), a singularidade justifica a existência da disciplina. O autor salienta que é a singularidade que define a disciplina, pois ela é responsável por dar identidade e projeção à disciplina, o que a habilita para ocupar um lugar institucional específico no mundo acadêmico.

O terceiro aspecto se refere aos campos intradisciplinares. Barros (2011) demonstra no esquema que cada campo disciplinar gera especializações e desdobramentos de cunho interno, o que denomina de campos intradisciplinares. Esse aspecto remete à especialização construída no seio do campo disciplinar quando ele atinge certo nível de complexidade.

De forma conjunta, trataremos do quarto, quinto e sexto aspectos, tal como propõe o autor. Ambos se referem ao padrão discursivo, à metodologia e à teoria, isso porque, nessa compreensão, ambos os aspectos estão intimamente interligados.

Segundo Barros (2011), a disciplina possui discurso próprio, ou seja, existe um vocabulário específico que pode ser baseado em termos e/ou siglas que permitam e favoreçam o diálogo entre os praticantes, embora possa haver um discurso amplo e comum. Ademais, destaca o autor que: “o desenvolvimento de um campo disciplinar acaba gerando uma linguagem comum através da qual poderão se comunicar os seus expoentes, teóricos, praticantes e leitores.” (Barros, 2011, p. 260). Percebemos que o desenvolvimento dessa linguagem própria se consolida na prática, ou seja, há a necessidade de se refletir sobre a disciplina partindo dos pressupostos que denominamos de constituintes.

Fato é que o método reflete em grande medida os constituintes da disciplina, pois ele auxilia na compreensão das teorias e nos fornece orientação na coleta de dados empíricos. Lakatos e Marconi (2010), que trabalham com a definição de método, explicam que o que caracteriza uma ciência é a utilização de um método, caso contrário, não há ciência.

Tendo em vista essa definição, constatamos que o método trata da teoria da investigação. Não obstante, reconhecemos que toda disciplina deve reunir esforços em prol do estudo da abordagem metodológica. A consolidação de uma disciplina deverá passar pelo crivo de sua própria compreensão e clareza do método adotado que a auxiliará no esforço de autocompreensão da pedagogia da disciplina.

O sétimo aspecto trata das oposições e diálogos interdisciplinares. Para o autor, a interdisciplinaridade é entendida como um desafio para a produção da ciência. Logo, também pode ser entendida como um caminho transversal à disciplinaridade. Para Barros (2011), é comum que um campo disciplinar contribua para outro a partir de suas próprias questões, seja propiciando diálogos ou movimentos de oposição. A interdisciplinaridade está presente, sobretudo, no intercâmbio teórico metodológico das disciplinas, o que não elimina as contribuições individuais, mas as integra.

O oitavo aspecto, identificado como Interditos, remete ao lado exterior ao campo disciplinar. Barros (2011, p. 62) o denomina como “o proibido aos seus praticantes”. É preciso identificar o que não contempla a disciplina, ou seja, além de ter muito claro o que nela cabe, é mais importante ainda saber o que nela não cabe. Esse aspecto é caro ao campo disciplinar, pois assegura as escolhas interdisciplinares.

O nono aspecto, chamado Rede humana, é considerado pelo autor como aquilo que perpassa todos os demais aspectos, pois “é constituída por todos aqueles que já praticaram

ou praticam a disciplina.” (Barros, 2011, p. 263). Para o autor, ao se falar em uma *rede humana*, estamos nos referindo, em grande medida, à rede institucional que é composta pelos grupos existentes em universidades, institutos de pesquisa, grupos de pesquisa, conselhos editoriais de revistas científicas dentre outros agrupamentos científicos. Nesse contexto, estamos nos referindo às pessoas que contribuem com a manutenção do campo disciplinar a qual denominamos de comunidade científica.

Barros (2011) afirma que, ao reconhecer a existência dessa rede humana, o campo disciplinar é conduzido de encontro ao décimo aspecto que é sobre realizar um olhar sobre si. Em nossa compreensão, isso quer dizer “ter consciência de si”, o que estabelece, a certa altura, o próprio amadurecimento do campo disciplinar.

Esse olhar, para Barros (2011, p. 265), é revelado em formas de produção científica, do tipo que reúne saberes e análises, denominado de histórias do campo pelos praticantes do campo disciplinar. Os praticantes são considerados sujeitos capazes de se compreenderem historicamente, de forma que eles revelam esse tipo de resultado partindo do olhar sobre si mesmos.

Findamos, assim, a apresentação dos dez aspectos que, segundo o esquema exposto por Barros (2011), são dimensões capazes de nortear a compreensão de disciplina. Ademais, reconhecemos que essa noção nos auxilia na atividade de examinar os pressupostos que constituem uma disciplina.

De acordo com as reflexões apresentadas, os dez aspectos podem sofrer mutações, mantendo-se estáticos somente os conceitos, uma vez que a história ainda está em curso e no ensino, os conhecimentos são organizados em função das disciplinas. Esses critérios possibilitariam o estudo e o conhecimento sobre as disciplinas e constituir-se-iam em uma etapa anterior à interdisciplinaridade.

Por conseguinte, muitas foram as implicações que repercutiram na prática disciplinar, e que suscitaram o surgimento de uma nova metodologia, isto é, a interdisciplinar, cujas bases se encontram no modelo de ciência contemporânea, que eleva um modo de se fazer e compreender a ciência, de modo que ela seja capaz de romper as barreiras disciplinares e que, sobretudo, estabeleça uma relação entre a ciência, o ser humano e o mundo.

Destarte, a interdisciplinaridade é enfatizada como um desafio para a produção da ciência, sendo, também, entendida como um caminho transversal à organização do currículo disciplinar.

Nesse contexto, o epistemólogo francês Georges Gusdorf (1976, p. 26) propôs um modelo de se fazer ciência, com consciência da humanidade, que não fosse baseada na especialização, mas sim integrada a ela, para que o ser humano, possuidor do conhecimento fragmentado, se torne possuidor da sua totalidade, a qual denominou de a “epistemologia da esperança”, e, também, de “epistemologia da complementariedade” e/ou da “convergência”, ou seja, ele referia-se ao método interdisciplinar.

Nessa linha, entende-se que a convergência direcionava-se contra o saber fragmentado. Para tanto, Gusdorf (1976) afirmava que “a exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda sua própria especialidade, tomando consciência de seus próprios limites para acolher as contribuições das outras disciplinas” (Gusdorf, 1976, p. 26).

Por interdisciplinaridade, entende-se que o método promove a interação existente entre duas ou mais disciplinas. Desse modo, permanecem os interesses próprios de cada uma delas, porém, buscam-se soluções dos seus próprios problemas através da articulação com outras disciplinas.

O que se afirma acima demanda uma atitude que deve ser construída na prática e, sobretudo, na superação da dicotomia entre a teoria e a prática. Deve-se ter clareza de que o método interdisciplinar tem que ser realizado na presença das disciplinas, pois, conforme aponta Ivani Fazenda (2003), a interdisciplinaridade somente se desenvolve a partir do desenvolvimento das disciplinas.

Assim, conclui-se que, além da necessidade de integrar currículos, é necessário integrar conhecimentos (conteúdos). Além disso, é possível que as disciplinas dialoguem entre si, a fim de relacionarem seus conceitos, termos e metodologias, confrontando-as umas às outras.

Em resumo, as análises desses autores revelam uma crítica à fragmentação disciplinar e uma defesa da interdisciplinaridade como caminhos para uma ciência mais integrada e consciente. Portanto, a reflexão sobre a disciplinaridade e a interdisciplinaridade expõe a necessidade de reformular as estruturas educacionais e científicas para promover uma compreensão mais holística e conectada à realidade.

3 ANÁLISE SOBRE OS DADOS DA PESQUISA⁴

No que diz respeito ao objetivo geral dos Programas, observou-se um maior interesse disciplinar em obter o conhecimento das causas e de investigar a natureza íntima das coisas

⁴ Os dados que foram utilizados ao longo desta pesquisa foram retirados da Plataforma Sucupira.

no sentido do objeto de estudo aqui trabalhado. Isso indica e evidencia o volume de disciplinas e atividades que evocam a compreensão interdisciplinar.

Além disso, parece menos intenso, quando em análise, nos debruçamos para identificar a disciplinaridade da ciência que nomeia o curso. Desse modo, subentende, em grande medida, que o (a) estudante já tenha formação suficiente que o faça compreender os pressupostos constituintes da disciplina. Entretanto, vale ressaltar que essa pode não ser uma realidade. Nesse sentido, interessa-nos levar em consideração que o Programa espera que o (a) estudante desenvolva um regime de estudos autônomos em alguma medida, isto é, um estudo mais aprofundado sobre a disciplinaridade a fim de que ele seja capaz de escolher o melhor método a ser aplicado em sua pesquisa.

Essa conjuntura demonstra que uma escolha metodológica deverá ser aprofundada, isto, a fim de legitimar o título disciplinar. Vale ainda questionar se será oportuno titular o egresso de forma interdisciplinar. Ademais, em grande medida, os Programas objetivam fomentar a compreensão e as relações entre a religião e outros diversos fenômenos, sobretudo os sociais. Sendo assim, se faz necessário explicar os acontecimentos que estão situados na sociedade contemporânea através de uma investigação científica. Nesse sentido, a interdisciplinaridade não pode ser lida na ótica da presença de mais de uma disciplina, mas sim, deve ser utilizada com consciência de quais pressupostos estão em troca e com qual disciplina se propõe convergir.

Outro elemento que merece atenção é que há um Programa que registra o seu objetivo de realizar articulações de nível interdisciplinar e multidisciplinar, especialmente com a área da Teologia, desse modo, compreendendo que o (a) egresso (a) se estabelece no Horizonte interdisciplinar. Em outros termos, o Programa objetiva que essa relação se torne uma instância na produção do diálogo da Ciência da Religião com a Teologia.

Vale ressaltar que a interdisciplinaridade propõe regime igualitário, e não registros na disciplina da Ciência da Religião que torne a Teologia exclusiva enquanto disciplina que agregue conhecimento. Isso mostra a importância de dar atenção especial ao perfil do Egresso. Nesse sentido, reconhece-se que o atual cenário para a docência em Ciência da Religião nas Universidades é escasso.

Essa condição tem se tornado quase que uma utopia a um recém-titulado Mestre (a) e/ou Doutor (a) na disciplina. Fica a cargo dos Programas um estudo que se valha de um Mapa de demanda, a fim de traçar o perfil da formação de acordo com a realidade desse campo de atuação. Essa perspectiva é importante para configurar a profissionalização do cientista da religião em seus diferentes nichos. Dessa forma, permitem-se elementos para

reconhecer a real situação do profissional, inclusive para o corpo docente do Programa, que poderá estabelecer estratégias de ensino e discussões que promovam o conhecimento pedagógico, buscando compreender os problemas de sua atividade profissional.

Nesse sentido, corroboramos com Sacristán (1998) que declarou que o sistema curricular é objeto de regulações econômicas, políticas e administrativas. De acordo com o autor, isso só se explica devido ao interesse político de controlar a educação como sistema ideológico. Não obstante, é importante estar atento aos pressupostos que garantam não somente a passagem do estudante pelo Sistema de ensino/curso de formação, mas também o diálogo com a necessidade de sua progressão, em vias de um setor produtivo e profissional.

Em termos gerais, a prática não é vedada, mas ocorreu que na descrição do objetivo geral foi evidenciado por um determinado Programa de pós-graduação a nota que estava almejando a Capes. Vejamos bem, os itens existentes têm como objetivo na Ficha de Avaliação compreender o nível de articulação, aderência e atualização das áreas de concentração, linhas de pesquisa, projetos em andamento e a estrutura curricular, bem como a infraestrutura disponível, em relação aos objetivos, missão e modalidade do Programa e a partir dessa análise a nota é obtida.

Os anseios de uma Ciência da Religião de perfil interdisciplinar, como se estabelece em grande medida nos Programas de pós-graduação, consistem mais na reflexão do objeto em confronto com outros objetos/fenômenos de análise, com maior atenção à reflexão sobre a sociedade em si, do que no zelo pela disciplinaridade em sentido estrito.

Vale ressaltar que, ainda é árdua uma formação integral do cientista da religião no Brasil, considerando desde a graduação, ou, até mesmo, sua introdução de forma gradativa na disciplina. Não que isso seja um fator limitante, mas é sabido que na graduação constrói-se o conhecimento base, pois, em alguns casos, o que ocorre é que o mestrando (a) e/ou doutorando (a) encontra-se imaturo frente à nova disciplina em que pretende se titular.

Não obstante, cabe muitas vezes à etapa do mestrado e/ou doutorado uma introdução e uma consolidação do conhecimento em uma perspectiva de disciplinaridade, a qual promova a interdisciplinaridade em sentido de integração dos saberes. No que tange à análise da arquitetura curricular, percebe-se que a introdução disciplinar muitas vezes é superficial. Vale ressaltar que, não é possível haver desenvolvimento interdisciplinar sem a presença de disciplinas que sustentem a epistemologia da disciplina de referência. Sendo assim, tampouco ocorre segurança disciplinar que anteceda todo o esforço interdisciplinar, que é necessário para evitar a situação onde uma disciplina é suprimida em relação a outra.

Sendo assim, entende-se ser necessária uma reflexão sobre o que consiste a

autonomia. O conceito de autonomia, em perspectiva freiriana, avança no momento em que o autor estabelece considerações acerca da premissa de que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1999, p. 52). Nesse sentido, o autor destaca que o ato de ensinar exige respeito à autonomia do educando.

À vista disso, é importante frisar que a educação como instituição social reflete os valores e anseios de uma sociedade. Nessa corrente, enfatizamos que a principal característica do currículo é refletir as intencionalidades e que toda prática pedagógica se assenta na prática do currículo.

Logo, um mundo diverso em ideologias e modos de ser, demanda uma educação democrática que não ocorre quando os indivíduos não têm espaço cultural e político para exercerem a autonomia e o protagonismo. Nesse sentido, propiciar momentos para o desenvolvimento da autonomia é proporcionar também as aprendizagens necessárias para que o educando desenvolva sua criticidade.

Trata-se de assumir uma postura crítica e autônoma diante de objetivos de aprendizagem, o que não significa propiciar somente consequências sobre os erros e acertos dentro do espectro disciplinar, mas sim condições para atuar na linha de frente na construção e, caso necessário, reconstrução, que fomente a formação, preconizando uma ciência que se firme em bases sólidas, científicas e humanizadas.

Para isso, é necessário que a Equipe pedagógica se mobilize para reconhecer potenciais, participando ativamente da construção do desenvolvimento integral dos Programas a fim de garantir não somente a formação intelectual, mas sim a aplicabilidade do conhecimento adquirido no mundo do trabalho. Vale ressaltar que o método da interdisciplinaridade não pode ser entendido nas propostas pedagógicas como suplementar ou condicionante ao currículo. Ademais, inclusive, as disciplinas compreendidas como auxiliares possuem uma vasta predominância na estrutura curricular da área da Ciência da Religião.

Ainda, em diálogo com as Propostas pedagógicas, considerando a integralidade dos quesitos da Ficha de Avaliação da Área, foi possível identificar um novo item de análise. Os Programas foram avaliados também em relação à sua Proposta pedagógica, isto, no que diz respeito à compreensão e posicionamento pedagógico diante da multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e/ou transdisciplinaridade que assumem.

Esse dado é importante, bem como revela a escassez da discussão na área da Ciência da Religião, assim como a complexidade que é aproximar o conceito da realidade. Essa

autocompreensão revelou-se, em grande medida, na estruturação curricular que nomeia algumas de suas disciplinas de acordo com a sua compreensão ainda vaga de “atividades interdisciplinares”, “abordagem interdisciplinar”. Observa-se que essa é uma prática complexa, que requer experiência para trazer respostas assertivas, ou seja, trata-se de uma ação construtivista. Nesse sentido, é fundamental estimular a integração da disciplina com o mundo. A metodologia interdisciplinar não busca eliminar as disciplinas, mas integrá-las, e nessa oportunidade, centralizá-las na formação cidadã que possibilite ciência sobre o objetivo da disciplinaridade.

Ao concluir esse subitem, coube questionar qual é o filtro necessário para compreender os limites das trocas interdisciplinares da Ciência da Religião. Há limites? A Ciência da Religião surgiu no Brasil no tempo da interdisciplinaridade, sendo que a disciplina se empenhou, em grande medida, em propiciar as trocas de teorias e metodologias, gerando durante os cinquenta anos de sua instituição, muitos trabalhos desenvolvidos de acordo com essa concepção.

Entende-se que esse caráter interdisciplinar ainda está em construção e longe de ser superado. No entanto, pensar na nomenclatura de “disciplinas auxiliares” nos parece como uma falta de rigor metodológico próprio da Ciência da Religião para conduzir suas próprias pesquisas, sendo a interdisciplinaridade fator preponderante para a execução.

Compreendemos que o termo “disciplinas”, apenas no plural, conduz ao entendimento de que a interdisciplinaridade está se cumprindo com paridade. Por sua vez, reconhece-se que há um horizonte de escolhas metodológicas que poderá ser realizado não tão somente como uma espécie de válvula de escape que evita a discussão que precisa ser feita e mediada.

Portanto, fica evidente a necessidade de se manter ativo e atualizado o debate sobre os alicerces da disciplina Ciência da Religião. Assim, deve-se manter uma reflexão epistemológica, buscando consolidar as atividades nessa área. Nesse sentido, a convergência para o método interdisciplinar será inclusive mais didático e alcançará a lucidez.

Nessa conjuntura, se faz urgente fomentar essa condição a nível nacional em nossa comunidade científica, de modo que possamos incorporá-la em nossas propostas pedagógicas com total zelo de autocompreensão e entendimento conceitual. Para tanto, deve-se compreender a importância de se manter a tradição da disciplina em sentido de uma ciência que urge contemporânea, para assim, propiciar a convergência da interdisciplinaridade que se configura em inovação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa tarefa consistiu em buscar compreender em que medida a compreensão de disciplinaridade e de interdisciplinaridade estão presentes nas propostas pedagógicas nos Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião (ões) no Brasil. Nosso problema consistia em elucidar as seguintes questões:

Os Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião (ões) no Brasil, considerando o período 2017-2020, evidenciam, em suas propostas, que tipo de compreensão da Ciência da Religião como disciplina autônoma e de perfil interdisciplinar? Podem ser encontrados elementos que evidenciem algum tipo de delimitação sobre o perfil teórico-metodológico da disciplina, seu perfil interdisciplinar, nos diversos itens que constituem as propostas dos Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião (ões)? Qual a compreensão de disciplinaridade e de interdisciplinaridade se manifesta nas propostas pedagógicas dos Programas de pós-graduação em Ciência (s) da (s) Religião (ões) no Brasil?

Entretanto, devido ao escopo deste artigo, nossa hipótese consistiu-se em afirmar que havia certa fragilidade quanto à autocompreensão das Ciências da Religião como disciplina, e da interdisciplinaridade como método. Em meio a isso, partimos da premissa de que há uma busca pela autonomia disciplinar ainda nos dias atuais. Acreditamos, portanto, que desde o momento em que a disciplina foi concebida no Brasil, ela se tratou de uma disciplina de perfil interdisciplinar, entretanto, isso não nos parece estar suficientemente refletido nas propostas dos cursos, uma vez que no âmbito acadêmico nota-se um recorte epistemológico e metodológico, a partir de disciplinas ditas “auxiliares”, cujo objetivo é relacioná-las com os estudos de religião.

Em consideração a isso, nossa hipótese se confirma, no entanto, com outras justificativas. O debate entre disciplinaridade e interdisciplinaridade não indica ser necessária uma autoexclusão. A Ciência da Religião se refere a uma disciplina autônoma, e nesse contexto, entendemos que aqueles que não a percebem assim, ainda lhes falta o conhecimento disciplinar. No entanto, notamos que em alguma medida isso parece pouco evidente nas propostas dos Programas de Pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião (ões) no Brasil.

Assim, nos parece haver diversas “(in)compreensões disciplinares”. Ocorre que a epistemologia evoca constantemente a reflexão disciplinar para aqueles que optam por realizar a convergência metodológica interdisciplinar. Todavia, aquilo que parece ser a saída

mais rápida sugere evocar ainda mais esforço disciplinar, pois não há o que sustente uma metodologia interdisciplinar, multidisciplinar ou transdisciplinar do que a própria disciplinaridade.

Empregar métodos em regime suplementar não nos parece que trará a devida segurança que é necessária. Ao contrário, poderá trazer severas distorções de sentido no âmbito conceitual e confusão disciplinar. E uma vez que não sabemos do que se trata o método, não saberemos também como empregá-lo, e tampouco enxergaremos os seus limites. Exemplifica-se: não é coerente que um Programa de pós-graduação se identifique de forma interdisciplinar ao passo que também se identifique de forma transdisciplinar.

Como pudemos aprender neste artigo, a interdisciplinaridade é um método que preconiza a existência das disciplinas, enquanto a transdisciplinaridade vislumbra superá-las de modo que elas passem a não existir. Ao problematizar, concluímos que se a disciplina deixa de existir nesse Programa, o princípio epistemológico da Ciência da Religião também deixará de existir, e esse Programa se limitará ao estudo do objeto sem epistemologia própria para condução.

Em vias disso, compreendemos que ainda se faz necessário a maturação epistemológica para evitar que os trabalhos produzidos no âmbito de nossa disciplina não sejam equivocadamente atrelados à outra natureza científica que não da Ciência da Religião.

Não obstante, vale ressaltar que não estamos orientando que haja supressão de disciplinas em detrimento a outras, mas sim que estabeleça o rigor da reflexão disciplinar no que tange o objetivo da disciplina que se dedica à abordagem empírica e sistemática de fatos religiosos concretos, de perfil não normativo para posteriormente suscitar alguma convergência interdisciplinar.

Insurge ainda como sugestão que a Ciência da Religião se faça reconhecer nas demais disciplinas. Entendemos que a nossa disciplina ainda se revela bastante desconhecida ou incompreendida pelas disciplinas que estabelecem relações interdisciplinares. Sobre isso, vale ressaltar que por interdisciplinaridade compreendemos que as trocas epistemológicas decorrem da reciprocidade e não de trocas unilaterais.

Findamos sugerindo que as Propostas pedagógicas de nossos cursos em Ciência (s) da (s) Religião (ões) no Brasil se façam a seguinte questão: os Programas têm interesse de fomentar as trocas disciplinares no sentido de reciprocidade ou estão empenhados em suspender a disciplinaridade? Caso a resposta seja afirmativa a essa última questão estaremos diante de uma situação que evocará a transdisciplinaridade enquanto método.

Tal método precede a interdisciplinaridade, uma vez que não exige fronteiras disciplinares e trata-se de agregar a todas sem distinção, com o objetivo final de transcendê-las.

Agora, se a resposta for firmar a adesão em fomentar as trocas disciplinares no sentido de reciprocidade, devemos nos concentrar em retomar nossas bases epistemológicas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tatiane Aparecida de. **Disciplinaridade e interdisciplinaridade em Ciência da Religião**: estudo analítico-comparativo sobre o perfil teórico-metodológico das propostas pedagógicas dos Programas de Pós-graduação em Ciência (s) da (s) Religião (ões) no Brasil (2017-2020). Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://web.sistemas.pucminas.br/BDP/PUC%20Minas/Home/Visualizar?seq=C75A098CAFE825BCCD9760C54D5412DE> Acesso em: 08 abr. 2022.

BARROS, José D'Assunção. Uma Disciplina: entendendo como funcionam os diversos campos de saber. **Opsis**, vol.11, n°1, p. 252-270, 2011.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento de área – Área 44-Ciências da Religião e Teologia**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf>. Acesso em: 08 abr. 2022.

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Relatório Grupo de Trabalho – Ficha de Avaliação**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-fichaavaliacao-pdf>. Acesso em: 08 abr. 2022.

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Sobre a Quadrienal**. Brasília: MEC, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/avaliacao-quadrienal>. Acesso em: 08 abr. 2022.

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Ficha de Avaliação Área 49 Ciências da Religião e Teologia**. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/c-rel-teo-20-novembro-pdf>. Acesso em: 08 abr. 2022.

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Avaliação Trienal 2007– Comissão de Área Multidisciplinar**-. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/DocArea04_06_Interdisciplinar.pdf. Acesso em: 08 abr. 2020.

CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento de área 2009 – Interdisciplinar**. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/INTERO3ago10.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2020.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido? São Paulo: Paulus, 2003.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GUSDORF, Georges. In: JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 7-27. 2006.
- LAKATOS, Eva Marina; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- SACRISTÁN. José Gimeno. **O currículo**: Uma reflexão sobre a prática. 3 ed. Porto Alegre: ArtMed. 1998.
- SACRISTÁN. José Gimeno. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. ed. Porto Alegre: ArtMed. 1998.

Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP PUC Minas).

Contribuição na coautoria: Concepção e planejamento do estudo: TA, AR. Coleta, análise e interpretação dos dados: TA, AR. Elaboração ou revisão do manuscrito: TA, AR. Aprovação da versão final: TA. Responsabilidade pública pelo conteúdo do artigo: TA.

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Recebido em: 02-06-2024.

Aprovado em: 05-04-2025.

Editor de seção: Flávio Senra.